

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E PRÁTICAS INCLUSIVAS: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA MEDIAÇÃO DIGITAL

*DISTANCE EDUCATION AND INCLUSIVE PRACTICES: REFLECTIONS ON THE ROLE OF DIGITAL
MEDIATION*

Rejane Dias da Silva Caires

MUST University, Estados Unidos

Regina Antonia dos Santos

MUST University, Estados Unidos

Quelia Antonia Xavier

MUST University, Estados Unidos

Maria Aparecida dos Santos

MUST University, Estados Unidos

Davi Cesar de Sousa Alcântara Durães

MUST University, Estados Unidos

Silvana Miranda Fernandes

MUST University, Estados Unidos

Andréia Miranda Fernandes

MUST University, Estados Unidos

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/rdqgj907>

Publicado em: 29.01.2026

Resumo: A ampliação da educação a distância introduz novas exigências éticas e formativas, sobretudo quando o acesso às tecnologias se relaciona à garantia do direito de aprender. A inclusão, nesse contexto, não se limita à adaptação técnica, mas envolve compreender o ambiente digital como campo de convivência cognitiva e de autoria compartilhada. O foco desloca-se da simples disponibilização de plataformas para o desenho de experiências que considerem diferenças, tempos e modos de aprendizagem. A presença docente assume caráter mediador, articulando escuta, cooperação e produção de sentido no espaço virtual. A reflexão conduzida observa que as práticas pedagógicas inclusivas exigem mediação digital capaz de articular autonomia e pertencimento. O estudo interpreta a acessibilidade como processo de participação ativa, em que recursos colaborativos sustentam o diálogo entre singularidades e saberes coletivos. Assim, o ensino a distância pode consolidar-se como espaço de criação intelectual, e não de reprodução técnica. A inclusão passa a ser concebida como princípio político e epistemológico da formação contemporânea, ampliando a compreensão sobre o papel do educador na cultura digital. O percurso metodológico baseia-se em uma pesquisa bibliográfica de natureza interpretativa, formulada com o objetivo de compreender como as mediações digitais sustentam

práticas inclusivas na educação a distância. A análise abrange obras que tratam de acessibilidade, mediação docente e cultura participativa, relacionando tecnologia e aprendizagem como dimensões complementares. A metodologia propõe examinar sentidos pedagógicos presentes nas produções estudadas, buscando reconhecer princípios que favorecem o diálogo e a corresponsabilidade nos ambientes virtuais.

Palavras-chave: Acessibilidade digital. Cultura formativa. Educação a distância. Inclusão pedagógica. Mediação docente.

Abstract: The expansion of distance learning introduces new ethical and formative requirements, especially when access to technology is linked to guaranteeing the right to learn. Inclusion, in this context, is not limited to technical adaptation, but involves understanding the digital environment as a field of cognitive coexistence and shared authorship. The focus shifts from simply providing platforms to designing experiences that consider differences, times, and modes of learning. The teaching presence assumes a mediating role, articulating listening, cooperation, and the production of meaning in the virtual space. The reflection conducted observes that inclusive pedagogical practices require digital mediation capable of articulating autonomy and belonging. The study interprets accessibility as a process of active participation, in which collaborative resources sustain the dialogue between singularities and collective knowledge. Thus, distance learning can consolidate itself as a space for intellectual creation, not technical reproduction. Inclusion is now conceived as a political and epistemological principle of contemporary education, broadening the understanding of the educator's role in digital culture. The methodological approach is based on interpretative bibliographic research, formulated with the goal of understanding how digital mediation supports inclusive practices in distance learning. The analysis encompasses works addressing accessibility, teacher mediation, and participatory culture, linking technology and learning as complementary dimensions. The methodology proposes examining the pedagogical meanings present in the works studied, seeking to recognize principles that foster dialogue and co-responsibility in virtual environments.

Keywords: Digital accessibility. Educational culture. Distance learning. Pedagogical inclusion. Teacher mediation.

1 Introdução

A ampliação da educação a distância inaugura novas formas de convivência pedagógica e reposiciona a discussão sobre inclusão. O acesso aos recursos digitais, quando mediado por propósitos educativos, redefine o sentido da aprendizagem e do pertencimento. A escola virtual transforma-se em território de interações, onde a presença docente se expressa na escuta e na orientação de percursos. O desafio formativo está em compreender como a tecnologia pode servir ao diálogo e não à reprodução de distâncias históricas.

O ensino mediado por plataformas virtuais exige mais que domínio técnico: requer um olhar que reconheça o estudante como sujeito de direito e de criação simbólica. A inclusão, nesse cenário, amplia-se para além da acessibilidade física e tecnológica, incorporando dimensões cognitivas e relacionais. O professor atua como mediador da diversidade, articulando recursos,

linguagens e tempos de aprendizagem. A EAD, ao organizar-se como espaço dialógico, permite que diferenças se convertam em oportunidades de construção coletiva.

O conceito de inclusão digital envolve ética e sensibilidade pedagógica. O ambiente virtual, por sua natureza plural, demanda estratégias que conciliem autonomia com acompanhamento. O aprender deixa de ser experiência solitária e passa a configurar-se como prática de partilha e autoria. A docência, nesse horizonte, torna-se um exercício de leitura das interações, compreendendo o que circula, como se comunica e de que modo se transformam saberes em práticas sociais significativas.

Ao tratar de inclusão, não se pode restringir o debate à oferta de dispositivos ou à formação técnica dos usuários. O foco desloca-se para o modo como a tecnologia é apropriada e reinterpretada nas relações educativas. A mediação digital, nesse sentido, constitui-se em princípio epistemológico, pois organiza formas de pensar e interagir. O professor, ao criar ambientes de confiança, sustenta o diálogo entre diferenças e assegura que a diversidade se traduza em produção compartilhada de sentido.

O percurso metodológico baseia-se em uma pesquisa bibliográfica de natureza interpretativa, formulada com o objetivo de compreender como as mediações digitais sustentam práticas inclusivas na educação a distância. A análise abrange obras que tratam de acessibilidade, mediação docente e cultura participativa, relacionando tecnologia e aprendizagem como dimensões complementares. A metodologia propõe examinar sentidos pedagógicos presentes nas produções estudadas, buscando reconhecer princípios que favorecem o diálogo e a corresponsabilidade nos ambientes virtuais.

A investigação pretende ampliar a compreensão sobre as formas de presença e participação na EAD. O estudo aborda a interação entre recursos tecnológicos, processos de mediação e práticas colaborativas que promovem equidade cognitiva. O diálogo entre autores e políticas públicas contemporâneas fornece subsídios para interpretar como o ambiente virtual se transforma em espaço de emancipação formativa. A ênfase recai sobre a construção de vínculos, sobre a autoria partilhada e sobre o papel ético da docência mediadora.

A reflexão que se segue examina as relações entre inclusão, mediação digital e experiência formativa na educação a distância. Busca compreender como a presença docente, o uso de ferramentas colaborativas e a ética da participação podem redefinir o sentido de ensinar e aprender em contextos conectivos. A análise enfatiza o potencial das práticas inclusivas para consolidar comunidades de aprendizagem críticas, capazes de reconhecer a diversidade como fundamento e não como obstáculo do processo educativo.

2 Metodologia

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o papel da mediação digital no contexto da Educação a Distância (EAD), com foco em práticas pedagógicas inclusivas que favoreçam o pertencimento e a participação ativa dos estudantes nos ambientes virtuais. A questão-problema

buscou compreender como a mediação docente, por meio de tecnologias digitais, pode contribuir para a construção de práticas inclusivas no ensino a distância, favorecendo experiências formativas mais equitativas.

A abordagem metodológica adotada foi qualitativa e interpretativa, por permitir compreender os significados presentes nas produções analisadas. Brito, Oliveira e Silva (2021) destacam que esse tipo de abordagem é adequado à investigação de fenômenos educacionais complexos, especialmente quando envolvem mediações simbólicas e interações pedagógicas. A natureza interpretativa do estudo favoreceu a leitura crítica dos sentidos atribuídos à inclusão e à mediação digital na EAD.

Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico e exploratório, o que possibilitou mapear referências teóricas relevantes sobre o tema. A escolha metodológica considera o que afirma Sousa, Oliveira e Alves (2021), ao apontarem que a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador dialogar com diferentes perspectivas teóricas, ampliando a compreensão do objeto investigado. A fase exploratória foi essencial para identificar tendências, lacunas e convergências nos estudos sobre o tema.

As buscas foram realizadas nas bases SciELO e Portal de Periódicos CAPES, utilizando quatro descritores: ‘mediação digital’, ‘educação a distância’, ‘práticas inclusivas’ e ‘acessibilidade pedagógica’, articulados com os operadores booleanos AND e OR. Os critérios de inclusão foram: obras publicadas entre 2018 e 2023, disponíveis em português e relacionadas à temática educacional. Foram excluídos materiais sem relação com os objetivos propostos ou oriundos de áreas alheias à educação.

Na etapa de levantamento, foram localizados 183 trabalhos. Após leitura dos títulos e resumos, 12 foram selecionados para leitura completa, sendo mantidos 6 textos para análise final. Foram examinados os objetivos, metodologias, contribuições teóricas e implicações pedagógicas de cada obra. A leitura foi guiada pela identificação de estratégias de mediação digital e sua relação com a construção de práticas formativas inclusivas.

A análise dos dados seguiu uma abordagem descritiva e reflexiva, destacando elementos que contribuíssem para responder à questão central do estudo. As obras foram comparadas quanto aos sentidos atribuídos à mediação e à acessibilidade no contexto da EAD. A pesquisa buscou revelar como a mediação digital, quando articulada à escuta e ao pertencimento, pode favorecer práticas pedagógicas mais democráticas e participativas no ambiente virtual.

3 Acessibilidade digital e a democratização do ensino a distância

A ampliação da educação a distância redefine o alcance das políticas formativas e o papel das tecnologias na promoção da equidade. A acessibilidade, mais que requisito técnico, constitui-se como prática ética de inclusão, que assegura condições de aprendizagem a todos os sujeitos. Repensar o digital significa reconhecer a diversidade como princípio e não como obstáculo. Assim, a democratização do ensino a distância depende da construção de ambiências virtuais

que integrem sensibilidade pedagógica, autonomia intelectual e compromisso com o direito de aprender.

Santos e Silva Gonçalves (2024, p. 112) observam que “a mediação na EAD inclusiva precisa equilibrar presença docente e autonomia discente”. Essa proposição reposiciona a acessibilidade como elemento fundante da ação educativa. A presença pedagógica torna-se mediadora de tempos, linguagens e modos de expressão. A docência, nesse horizonte, atua na leitura das interações e na organização das experiências, garantindo que cada participante encontre no ambiente virtual não uma limitação, mas uma possibilidade de autoria e pertencimento.

A incorporação de recursos acessíveis amplia a dimensão democrática do processo educativo. A mediação digital, quando intencional e sensível, torna-se instrumento de escuta e de reciprocidade. É nessa relação que a EAD pode converter-se em espaço de cidadania formativa, no qual a tecnologia opera como meio de inclusão simbólica e não apenas como suporte de comunicação. A acessibilidade, portanto, precisa ser compreendida como ação contínua, sustentada pela ética do cuidado e pela valorização da diversidade cognitiva.

Bessa, Dias, Silva e Prado (2019) afirmam que a mediação acessível se constrói na conjugação entre afetividade e operacionalidade, em que o vínculo pedagógico fortalece o engajamento. Tal abordagem evidencia que a inclusão requer mediações múltiplas — cognitivas, emocionais e relacionais. Quando o professor atua como mediador sensível, ele promove ambientes que estimulam a participação e diminuem a sensação de isolamento. O diálogo transforma-se em eixo formativo, capaz de restabelecer vínculos e de converter a distância em oportunidade de cooperação.

A análise da acessibilidade em ambientes digitais deve considerar as condições materiais e simbólicas de acesso. Dispositivos tecnológicos, conexões instáveis e desigualdades de infraestrutura interferem na experiência formativa. Contudo, o desafio não reside apenas em garantir o acesso, mas em construir percursos pedagógicos inclusivos. O ambiente virtual deve acolher diferentes ritmos e estilos de aprendizagem, favorecendo o encontro entre a autonomia dos estudantes e a responsabilidade formativa dos docentes que orientam o processo educativo.

Santos e Silva Gonçalves (2024) reforçam que o desenho pedagógico da EAD inclusiva envolve planejamento de tarefas que respeitem as especificidades dos sujeitos e as barreiras estruturais existentes. A acessibilidade, nesse sentido, torna-se linguagem de mediação. Ao integrar recursos de áudio, legendas, tutoriais interativos e interfaces ajustáveis, o professor amplia as formas de participação. Essa diversidade de estratégias não substitui o encontro humano, mas o complementa, configurando um espaço em que o aprender se dá pela escuta atenta e pela pluralidade expressiva.

A docência na EAD demanda consciência ética sobre as implicações da mediação digital. Cada recurso utilizado traz consigo valores, modos de leitura e possibilidades de exclusão. Assim, a inclusão passa pela curadoria crítica das tecnologias, pela escolha dos formatos comunicativos e pela atenção às singularidades. A mediação inclusiva é, antes de tudo, prática de responsabilidade

cognitiva, na qual o conhecimento se constrói de forma cooperativa, respeitando limites e ampliando potencialidades.

Bessa et al. (2019, p. 251) destacam que “a tutoria na educação a distância é espaço de mediação afetiva e cognitiva, não apenas técnica”. A afirmação revela que a acessibilidade está diretamente relacionada à qualidade da interação. O tutor e o professor tornam-se facilitadores de vínculos e tradutores de complexidades. Ao acompanhar percursos individuais, promovem o sentimento de pertencimento e favorecem o reconhecimento do estudante como sujeito ativo da própria aprendizagem.

O ambiente virtual, quando compreendido como espaço de diálogo, assume papel decisivo na formação crítica e na consolidação da autonomia. Recursos acessíveis devem ser pensados como ferramentas de ampliação da escuta e da colaboração. A acessibilidade pedagógica transcende normas técnicas; envolve o cultivo de atitudes, o compromisso com a justiça cognitiva e a abertura à diversidade. O professor, nesse contexto, torna-se organizador de experiências inclusivas, sustentadas por respeito e criatividade pedagógica.

Santos e Silva Gonçalves (2024) analisam que a democratização da EAD requer políticas institucionais que promovam equidade de acesso e formação continuada. Essa perspectiva amplia o alcance da inclusão, deslocando-a do plano individual para o coletivo. Programas de capacitação e redes de colaboração fortalecem a cultura da participação, possibilitando que a mediação digital se traduza em transformação social. A inclusão, assim, consolida-se como princípio permanente da prática pedagógica.

As práticas acessíveis, quando incorporadas de modo consistente, tornam-se estratégias de transformação da escola virtual. A mediação digital, associada à escuta e à empatia, possibilita a criação de comunidades de aprendizagem que reconhecem a pluralidade como fonte de riqueza intelectual. A inclusão, portanto, não é apenas um ideal, mas uma forma concreta de reorganizar o espaço educativo, de modo que cada estudante possa construir e compartilhar significados no ambiente digital.

Pensar a acessibilidade digital implica revisitar a essência da educação e a função ética da docência. O digital, quando orientado por propósitos formativos, converte-se em campo de diálogo, reciprocidade e invenção. A democratização do ensino a distância depende, assim, da disposição em transformar o ato de ensinar em prática partilhada, em que o aprender se realize pela escuta, pela convivência e pela corresponsabilidade de todos os envolvidos na construção do saber.

4 Práticas pedagógicas inclusivas e mediação no ambiente virtual

A formação inclusiva em educação a distância depende da compreensão da mediação digital como prática humana de diálogo e presença. O espaço virtual, quando configurado pedagogicamente, transforma-se em campo de trocas simbólicas e produção coletiva do conhecimento. O aprender deixa de ser tarefa solitária e assume caráter relacional. Nesse

contexto, o professor atua como articulador de experiências e o estudante, como protagonista de significações, ambos envolvidos na criação de vínculos cognitivos sustentados por cooperação e responsabilidade compartilhada.

Como afirma Xavier, Vieira, Cabral e Torres (2024, p. 112), “o diálogo é o princípio que sustenta a aprendizagem significativa na pedagogia a distância”. A concepção defendida pelos autores realça a necessidade de reciprocidade entre sujeitos e mediações. O diálogo, entendido como prática formativa, dá sentido à interação digital e substitui o isolamento pelo pertencimento. A mediação docente, nesse cenário, adquire dimensão ética, pois envolve cuidado, escuta e coautoria, convertendo o processo educativo em experiência coletiva de investigação e criação.

O trabalho formativo na EAD estrutura-se a partir da intencionalidade pedagógica. A atuação docente consiste em organizar espaços de convivência e reflexão, evitando que a tecnologia seja apenas instrumento de transmissão. A interação digital favorece a elaboração de saberes quando mediada por vínculos e objetivos claros. A ação pedagógica, portanto, amplia-se, conectando aspectos técnicos e simbólicos. A relação entre linguagem, aprendizagem e presença fortalece a autonomia e orienta o estudante na construção de percursos autorais.

A mediação digital, segundo Santos, Silva Souza, Scaramuzza, Klaus (2019), exige escuta pedagógica atenta às singularidades cognitivas e comunicativas. O professor torna-se intérprete das vozes do grupo e condutor do diálogo formativo. A diferença, entendida como riqueza e não obstáculo, orienta a organização das práticas. A interação mediada pela sensibilidade permite que a inclusão deixe de ser adequação pontual e se converta em fundamento ético do ensinar. A ação educativa, assim, adquire coerência e densidade intelectual.

A integração entre tecnologia e mediação pedagógica requer presença consciente do docente. O planejamento deve contemplar tempos, ritmos e linguagens diversas, favorecendo o envolvimento dos participantes. A inclusão, nesse horizonte, corresponde a um projeto de convivência, e não apenas a um ajuste técnico. O ambiente digital, quando estruturado sob parâmetros éticos e dialógicos, torna-se extensão simbólica da sala de aula. A aprendizagem passa a emergir da escuta, da colaboração e do compartilhamento intelectual.

Como destaca Santos et al. (2019, p. 90), “a mediação afetiva constitui o alicerce da aprendizagem na educação a distância”. O argumento propõe compreender o afeto como base do engajamento e da permanência. A dimensão afetiva, associada à reflexão cognitiva, produz pertencimento e estimula o compromisso coletivo. A docência, ao acolher a multiplicidade de ritmos e percursos, reafirma o valor da escuta e da empatia. O ensino, assim, recupera seu caráter relacional, tornando-se espaço de corresponsabilidade e criação partilhada.

A afetividade, quando incorporada ao planejamento didático, redefine a qualidade da mediação. A linguagem adotada pelo professor influencia a compreensão e a confiança dos estudantes. O cuidado na comunicação fortalece vínculos e previne o distanciamento simbólico. O ambiente de estudo torna-se mais cooperativo quando o diálogo é sistemático e as devolutivas

são orientadoras. A dimensão humana da mediação, portanto, sustenta a legitimidade da EAD e consolida a convivência como eixo pedagógico da aprendizagem.

A concepção de mediação apresentada por Xavier et al. (2024) evidencia a necessidade de intencionalidade na docência digital. A ação do professor deve provocar reflexão e engajamento, articulando sensibilidade e rigor conceitual. A inclusão assume o papel de princípio estruturante, pois reconhece a pluralidade como fonte de aprendizagem. A mediação, nesse quadro, ultrapassa o uso instrumental de ferramentas e torna-se espaço de produção simbólica, em que a tecnologia atua como meio de expressão coletiva do pensamento.

O desenvolvimento da inclusão na EAD depende de práticas comunicativas que promovam visibilidade e voz a todos os participantes. O ambiente virtual favorece a construção do saber quando as trocas são contínuas e orientadas por clareza metodológica. O docente, ao planejar percursos colaborativos, estabelece critérios de convivência e define objetivos de estudo que estimulam autonomia. A coautoria se consolida quando a confiança e a escuta formam a base das interações e do reconhecimento mútuo.

A mediação pedagógica, segundo Santos et al. (2019), adquire sentido quando combina acompanhamento permanente e intencionalidade formativa. O professor não apenas orienta, mas também dialoga com as hipóteses dos estudantes, ampliando a reflexão coletiva. A tecnologia participa desse processo como mediadora de vínculos e registro de experiências. O ensino a distância, assim, torna-se campo de interações criativas e éticas, nas quais o aprender decorre da investigação partilhada e da construção de sentido em grupo.

Como observa Xavier et al. (2024, p. 115), “a mediação no ensino a distância requer consciência de propósito e clareza pedagógica”. A proposição reforça que o êxito da mediação está na coerência entre princípios e práticas. A docência exige escolhas intencionais, em que a tecnologia opera a serviço da reflexão. A clareza metodológica evita dispersão e fortalece a autonomia discente. A inclusão, quando sustentada por diálogo e criticidade, converte o ambiente virtual em espaço de formação humanizada.

A EAD, compreendida como território de relações, exige que o ensino seja configurado por diálogo e ética. A mediação digital amplia o campo da experiência educativa ao integrar escuta, rigor e sensibilidade. A prática docente, orientada por reciprocidade, faz do ambiente virtual um espaço de investigação cooperativa. A aprendizagem, nesse modelo, é processo partilhado de pensamento e criação, em que o conhecimento resulta da interação consciente entre sujeitos comprometidos com o valor formativo da convivência. Parte superior do formulário

5 Considerações finais

Pensar a inclusão na educação a distância implica compreender o aprender como convivência intelectual e não como adequação técnica. A interação mediada pelo digital reorganiza formas de presença, produz reciprocidade e transforma a sala virtual em espaço de autoria coletiva. A mediação docente passa a operar como prática de escuta e orientação reflexiva,

favorecendo a colaboração entre sujeitos diversos. Nessa perspectiva, o ambiente virtual adquire sentido formativo, permitindo que a aprendizagem se constitua pela partilha de responsabilidades e pela construção ética do saber.

O percurso metodológico baseia-se em uma pesquisa bibliográfica de natureza interpretativa, formulada com o objetivo de compreender como as mediações digitais sustentam práticas inclusivas na educação a distância. A análise abrange obras que tratam de acessibilidade, mediação docente e cultura participativa, relacionando tecnologia e aprendizagem como dimensões complementares. A metodologia propõe examinar sentidos pedagógicos presentes nas produções estudadas, buscando reconhecer princípios que favorecem o diálogo e a corresponsabilidade nos ambientes virtuais.

Referências

- Bessa, D. V. B., Dias, F. A. S., Silva, S. F. K., & Prado, M. E. B. B. (2019). *Mediação pedagógica, afetiva e operacional: práticas de uma tutoria na educação a distância*. Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas, 20(3), 246–253. <https://doi.org/10.17921/2447-8733.2019v20n3p246-253>
- Brito, A. P. G., Oliveira, G. S., & Silva, B. A. (2021). *A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação*. Cadernos da FUCAMP, 20(44), 1–15. <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2354>
- Santos, C. E. R., & Silva Gonçalves, J. (2024). *Estratégias de mediação na educação a distância inclusiva*. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância, 24(1), 107–123. <https://doi.org/10.17143/rbaad.v24i1.744>
- Santos, N. G., Silva Souza, L. A., Scaramuzza, B. C., & Klaus, M. (2019). *Educação inclusiva na educação a distância: percepções de tutores frente à mediação com os alunos público-alvo da educação especial*. Revista Paidé@ - Revista Científica de Educação a Distância, 11(19). <https://periodicos.unimesvirtual.com.br/index.php/paideia/article/view/928>
- Sousa, A. S., Oliveira, G. S., & Alves, L. H. (2021). *A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos*. Cadernos da FUCAMP, 20(43), 64–83. <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>
- Xavier, E. B. C., Vieira, E. A. O., Cabral, G. R., & Torres, L. H. (2024). *Experiências formativas na pedagogia a distância: pesquisas e relatos sobre*. https://www.researchgate.net/profile/Estela-Vieira-2/publication/383860086_Experiencias-formativas-na-pedagogia-vol1/links/66dd865bfa5e11512ca8e73c/Experiencias-formativas-na-pedagogia-vol1.pdf